

Carta Aberta

Quem tem fome, tem pressa: Um desaforo autobiográfico sobre educação e fome de conhecimento

Carolina Medeiros



CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DO BRASIL

Natal, 11 de setembro de 2021.

Caro Presidente Jair Bolsonaro,

Devo me apresentar ao iniciar esta carta: sou uma estudante de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tenho 24 anos e venho de família relativamente privilegiada quanto à qualidade de vida. O motivo da minha escrita é apenas um entre tantos que me fazem almejar dizer-te algumas das minhas reflexões. Entretanto, tal motivo reverbera tão alto dentro de mim e sob nossas consciências — enquanto sociedade — que eu não poderia escolher outro.

Na segunda metade da minha graduação, exerci a função de estagiária na Escola Estadual Régulo Tinôco, com o objetivo de observar a vivência em sala de aula para absorver conhecimentos teóricos e práticos relacionados à minha futura atuação docente. Infelizmente, o meu estágio foi comprometido pela pandemia resultante do vírus SARS-CoV-2, sobre o qual posso inferir que o senhor muito já ouviu falar. Nossas atividades se readequaram de “cabo à rabo”: eu não pude estar em sala de aula para realizar essa observação. Mesmo após quase um ano e meio desde o início da pandemia, as aulas do ensino médio da rede pública ainda ocorrem de forma remota. Além de me lamentar pela distância forçada para cumprir o estágio, confesso que, antes de iniciar, o meu maior temor era pensar como estaria a rotina de aulas dos alunos, jovens de 15 a 17 anos, em sua maioria de condição financeira precária.

Esse temor não foi em vão: minhas inferências prévias vieram a se confirmar logo nos primeiros contatos com a turma a que se destinou meu auxílio enquanto estagiária. Veja só: deparei-me com alunos que dependiam do kit merenda ofertado pelo colégio (contendo 3 kg de arroz, 2 kg de feijão, 1 kg de peito de frango, 5 pc de macarrão, 5 pc de flocão, 1 pc de sal e 02 palmas de banana). Ou seja: durante a pandemia, muitos deles encontraram-se em situação de carência, deslocando-se para o espaço escolar mesmo com as atividades paralisadas apenas para uma finalidade básica — se alimentar. Sendo assim, vi-me tomada de lamentação por me encontrar de mãos atadas quanto à problemática a que estava sendo apresentada. Questionei-me: se um direito básico, como a alimentação, não está sendo propiciado como deveria para essas pessoas, como podemos imaginar o desempenho de atividades realizadas por meio de dispositivos tecnológicos, os quais, sabemos nós, não possuem preço acessível e nem são oferecidos pelos órgãos do estado, mesmo quando para fins educativos?

Foi entristecedor ver a professora da turma, minha supervisora de estágio, fazendo diversos esforços e súplicas para obter respostas dos alunos que, muitas vezes, nem celular tinham para executar as atividades solicitadas. Ela, que pouco dominava computadores e aplicativos, não precisou ao menos aprender, pois não havia quem assistisse às suas aulas caso a habilidade fosse adquirida. Foi entristecedor também entender que não podemos cobrar dos jovens aquilo que eles

não têm condição de nos dar. Eram apenas cinco ou seis aqueles que conseguiam realizar as leituras e os exercícios propostos.

Em meio à minha experiência, ouvi do senhor que “o brasileiro está mais gordo; a inflação foi causada porque o brasileiro está comendo mais”. Confesso, não acompanho rotineiramente as suas redes sociais, mas, como uma cidadã comprometida com o meu meio, sempre procuro me informar sobre seus posicionamentos e decisões, a fim de me posicionar acerca deles também. A frase acima citada foi dita numa live do seu canal do YouTube, Senhor Presidente, e demonstra muito além do desmazelo do seu governo para com o povo brasileiro. Demonstra uma ignorância proposital, que invisibiliza minorias e parece desejar mantê-las no abismo do esquecimento político. Devo contestar sua afirmação: o Brasil tem fome. Tem fome de comida, tem fome de uma liderança empática e transformadora, tem fome de educação de qualidade e democratizadora.

Devo dizer, ainda, que se estamos hoje atrasados internacionalmente com relação ao combate à pandemia — que deveria ter sido combatida desde seu início —, é porque a política negacionista maximizada pelo seu governo gerou a ampliação dessa situação. Por isso, se hoje os alunos de ensino público estão sem acesso à educação plena, sabemos de quem é a culpa.

Alegro-me, involuntariamente, por saber que há esperança. Se hoje as escolas públicas possuem materiais didáticos de qualidade, com reflexões de cunho social e conhecimentos sobre a multiplicidade da linguagem, além de discussões sobre preconceito linguístico, é graças a profissionais comprometidos com as múltiplas vivências da sociedade e seus reflexos culturais. Graças, inclusive, a Paulo Freire, docente íntegro que lutou para despertar em seus companheiros de profissão a necessidade do olhar transformador e questionador do meio social em que vivemos. Embora o Senhor Presidente faça questão de ir contra os valores freireanos, sei que há a semente dos pensamentos do educador em meus professores e professoras, compromissados com a diminuição de desigualdades e com a democratização da educação de qualidade.

No mais, devo lembrar ao senhor que o conhecimento é a maior porta de libertação que existe. É assim que se transformam vidas, que se diminui a fome, que se democratiza a qualidade de vida. Enquanto houver conhecimento, haverá resistência.

Com indignação e desejo de mudança,
Carolina Medeiros.